O REINO
da
ESTUPIDEZ

por Melo Franco

Rien n'est bon que le vrai,
Le vrai seul est aimable

Boileau
Ep. 9.ª

RPJCB

Prologo

Vai oh Poema, não digo discorrer pelo universo porque sei que estas escrito em Portuguez; mas aomenos corre as mãos de todos esses que compoem a Universidade. Eu te vaticino desde ja huma desgraçada sorte seras praguejado, e por muitos reduzido a cinzas que irão até lançar no Mondego como coiza contagioza. Não esmoreças que entre esses alguns averá, ainda que poucos que folguem de ver a verdade com seus proprios vestidos. Não recees penetrar os mesmos Claustros; ahi e que te pronostico Os maiores desprezos sofre com paciencia que o teu fim e só fazer ver a verdade a firma pois a esses homens que o teu Autor venera os seus S.tos Instituidores; que só dezeja que aquelle que se prezão de ser seus filhos fossem vivos Copias suas porque antão não chegarião a muitas duzias em todo o Portugal. Dize que o que mais te afflige he

ver

ver que os que por voto devem ser pobres, hu
mildes, e castos são os mais regalados so-
berbos e lebidinozos que lhe custa muito
cumprir os votos que elles fazem Per-
guntalhe como será possivel ver de San
gue frio a um Monge a um pobre de J. C.
robusto, gordo e capaz de vender saude
as costas de dous pobres homens pella
Coiraça dos Apostolos asima até ao
Pateo das Artes Dizelhes que bem
sabem que este é o Mestre de Hebraico
o Snr. D. João de tal &c.ª Iras ter
as mãos de muitos que te cencurem de
pouco verdadeiro porque oje a Universi-
dade está em seu auge, e esplendor dir-
te-ão que para dizer tanto he precizo ou
não ter noticia da reforma, ou ser mal
dizente por officio. A estes taes pede
a rezolução do seguinte Problema, Acha-
vase um homem nas trevas sepultado
no mais profundo Sono: todeavão no
por todos os lados mil precipicios, e des-
pe-

penhadeiros, compadecido outro do mize
ravel estado emque se achava aquelle
mizeravel disgraçado foi despertalo pa
ra opor fora dos perigos que o cercavão.
Tinha já o Bemfeitor dado alguns paços
mas derepente lhe falta avista, e fica
o infelis ainda nas trevas acordado sem
guia caminhando de precipicios em prece
picios. Pergunta lhes pois quando
era mais disgraçado este homem se no
tempo emque estava emgolfado no Seu
letargo, se quando se vio acordado só e nas
trevas? Não te canses em fazer-lhe a
applicação que hé manifesta. Dize-lhe
somente que o fruto que daqui levão os
legistas he apeldantaria avaidade, e in
disposição de já mais saberem. Enfari
nhados unicamente em quatro petas /
expeção delles / de Direito Romano não
sabem, nem Direito Patrio, nem o Publi
co, nem o das Gentes, nem Politica nem
Comercio finalmente nada util. Que
os

os Canonistas saem daqui com o Cere-
bro embrutecido de tanto Decreto de
Graciano sem critica sem metodo en-
gulindo com alguns verdadeiros,
immenços canones apocrifos dando
aos Papas a torto, e direito poderes que
lhe não competem nenhum e disbulhan-
do os Reis do que por direito da Monar-
chia lhe são devidos com estes não te abras
mais acrecenta só que milhor é mora em
huma Caza vazia do que em outra cheia de
trastes velhos, e desconsertados onde reina
a dezordem a Confuzão e a imundicia. De-
ves porem confeçar que a reforma trouce
à Universidade as Sciencias naturaes
que na verdade tiverão, e tem ainda al-
guns Mestres dignos de tal nome, mas
que estes ficão tão submergidos pela
materialidade dos Companheiros que
fazem a maior porção que para os dis-
tinguir he precizo ter vista bem pre-
cizas.

Jan-

Santo reina ainda aqui mesmo a Estupides.

Adverte emfim que não reparem de não fazerem menção dos Snr.es Theologos devendo ser os primeiros porque _ex fructibus_ eorum _cognoscetis eos._ S. M. Cap. 7. e invertendo _ex illis cognoscetis fructus eorum_. O ceo te livre a mãos que te não dem logo tirano garrote antes de seres lido por alguem que te propague Amen.

Edicção correta, e consideravelmente aumentada.

Si Musa vetat facit indignatio versus — Juven.

O Reino da Estupidez

Canto I.

Não canto aquelle Heroe Pio e Valente
Que depois de ter visto a Cara Patria
A cinzas reduzida, e a Campo razo
Mil perigos contrastando hum clima busca
Aonde com os seus ditozo seja
Am o le Estupidez cantar pertendo
Que distante da Europa desterrada
Na Luzitania vem fundar seu Reyno
Dictame o Muza que eu não posso tanto
Os nobres feitos, e diversos cazos
Que a esta grande empreza acompanharão.

Hum

Hum feio monstro de cruel figura
Desgrenhado cabelo, vesgos olhos
Disforme ventre, circular semblante
Da lugubre caverna onde jazia
Bocejando sahio e longo tempo
Nas vezinhas montanhas reparando
Estas vozes soltou de magoas cheias.

He possivel que sendo venerada
Em outro tempo pela Europa toda
Hoje aqui viva sem Dominio, ou mando
Nestas incultas brenhas desterrada
He possivel que a Deuza que uzurpara
De sabia o nome e ser de Jove Filha
Dos meus vastos Dominios me expelisse
E haja sobre o meu posto o seu Throno
Esta inacção quero deixar hum dia
Não hade ser assim: essa tirana
Hade ver huma vez o quanto posso.

A

Afria Estupides acceza em ira
Tanto jamais se vio: ao Reino escuro
Aonde mora amacilenta Inveja
Com afuriozoo, e vingadora rayva
Quanto lhe sofre anatural innercia
Ligeiramente marcha, O' fortes Deuzes
Soluçando, lhe diz, se tantas vezes
Em taes emprezas ja me soccorrestes
Não podereis deixar tambem agora
De darme amão em tão afflicto cazo.
Asoberba Minerva injustamente
Depois de meus Dominios ter robado,
Dominios, que na Europa tanto prezo,
Por cumulo do mal, emfeias selvas
De ninguem habitadas, me desterra
O fero Coração das negras Furias
Por ser cauza commua internecerão
Da mole Estupides as brandas queixas
Deixai, amiga Irmãa somente dizem
Vinde tambem comnosco, e vingaremos
Essa injustiça que te faz Minerva
Em si não se fiando tambem chamão

O

O duro Fanatismo, e a Hypocrezia
E tu supresticão que tanto podes
Nas credulas Nacoens não as deixaste
Em forte batalhão todas unidas armadas
Os elementos turbão; negra nuvem
De mil coriscos prenhe se encaminha
A' parte donde sofre o frio Norte
A rayvoza cohorte ali se encobre
Sutis extratagemas ali traca
Ja França se lhes mostra, e destramente
Tomando cada qual sua figura
Para o combate escutão util meio.

Então o Fanatismo, que tomara
Hum ar sizudo, e marcha compassada
Vindo reinar somente a humanidade
De tristeza, e rancor se despedaca
Suas maximas duras a soalha
Ja entre o Povo, ou entre a Sabia gente
Em vão he trabalhar, com rizo, ou mofa
A porção mais sizuda lhe responde:

Mas

Mas o Povo huma vez entre apupadas
Pelas ruas ocorre duramente
Qual ao Cão, que danado seprezume
Da vil supresticão da Hypocrezia
Mais effeito os trabalhos não produzem
Reinão a seu pezar a singileza
Nos costumes candura, e sam verdade
Minerva, que o ardil não desconhece
Nos animos infunde novas Luzes
Luzes, que decipando a fusca nevoa
Com que a recta rezão manchada fica
Com proprias cores a verdade pintão
Da galica Nação ligeira e douta
Mil pragas vomitando fogem todas
Iradas inda mais ligeiras buscão
A Britanica gente, ataques novos
Em Conselhos dispoem: ferve de novo
Nos bravos Coraçoens rancor funesto
Fulminão tudo, a toda a parte Correm
Mas que importa; se a ti profundo Povo
Brilhantes aparencias nunca illudem

Se-

Se buscão por entre a verdade, e o falço
Manifesta deviza, e só descanças
Quando das Couzas tens a vaa medulla
Dezesperão d'ali as Furias logo;
Voão não fogem desta gente dura
A que intratavel e Ferina chamão
Vão discorrendo pelo frio Norte
Aqui ali novos combates dando.

A Deoza tutelar vendo com susto
Que alguns dos seus avacilar começão
Que se deixão levar dos vis enganos
Com voca incontinente hum grão congreço
Daquelles que sustentão fortemente
O seu brilhante e Magestozo trono.

Alumnos meus, mas não, não disse tudo
(A falar principia desta sorte)
Amados Filhos que da infancia tenho
A meus peitos nutrido, e com disvelo
A vós, A vossos Pays tenho livrado

Da-

Da vil escravidaõ, em que os tivera
A frouxa estupides ja n'outro tempo
Sabereis que este Monstro bafejado
De muitas Furias que tornar lhe juraõ
Seus antigos dominios disfarçados
Armando laços entre vós paceya
A vosso lado noite, e dia velo.

Mas de modo tem sido os seus encontros
Que entre vós sinto alguns ja titubantes
Que magua a minha, que pezar naõ fora
Se em triste Cativeiro inda vós visse
Comigo ingratos, para vos tiranos
Ao Leaõ rugidor que em torno gira
Constantes rezistem as almas fortes
Com fantasticas formas naõ se sobraõ
Qual destro Capitaõ que descortina
Ardilozas ciladas do Inimigo
Na vossa frente pelejando marchó
Victoria conseguiõ ja della França
Outro tanto tem feito a gente Ingleza.

Com

Com estas vozes tal exforço inspira
Nos vacilantes peitos que ligados
Hum Corpo fazem, como nunca firme
De novo as Furias seus ardis empenhão
Multiplicão combates dobrão forças
Mas a sabia cohorte a peito aberto
Sem perigo alcança a palma vencedora
Qual anozo Carvalho, cujos ramos
Tanto procurão as Sinzentas Nuvens
Quanto as raizes vão minando a terra
Despreza imovel a Soberba Furia
Dos ventos Zunidores que o combatem.

Vendo sem fructo o seu trabalho as Furias
A serto aseno se ajuntão todas
Em oculto lugar, onde só morão
As negras sombras da tristonha noite,
A Raiva antão de cujos vesgos olhos
Scintila o odio, e a cruel vingança
Assim as outras fala em tom irado
Será possivel que hum poder tão forte
Qual he o vosso, e qual o meu conheço.

Em

Em nada pare? que nenhum effeito.
Haja destas fadigas rezultado
Ao lado chora sem dizer palavra
Afflicta a Estupidez e largo espaço
A aguda magoa poem nas Linguas freio
Senão quando depois de feita a venia
Deste modo começa o Fanatismo.

A vosso, e meu pezar ja tendes visto
Que suamos em vão Minerva inspira
Nos duros peitos desta gente infame
Deixemos pois estes gelados climas
Bem digna habitação de taes Cabeças
Daqui fujamos para o meyo dia
Pais de toda a Europa o mais ditozo
Ali mais rezistencia não teremos
Que o povo habitador do seu terreno
Apezar dos Contrastes ja passados
A meu mando viveu sempre sujeito
Não chores cara Irmãa o teu Imperio
Segundo creio lá veras fundado,
Fugir, fugir desta Inimiga terra.

Jo—

Todas a huma vós prontas concordão
D'a fria região logo dezertão
E sobre as azas do ligeiro vento
As amenas Espanhas vão buscando.

Canto II

Era alta noite, e o engelhado Inverno
Ja começava a sacudir as azas
Que ao sereno gotejão frio Orvalho.
Dormia tudo, e só nas ermas ruas
Errantes Caens Ladrando se encontravão
Então foi que a Lisboa rica e vasta
Em segredo baixou o bando infame
Se a soberba Madrid primeiro irião
Hezitarão enquanto o Fanatismo
Não decidira, que no Luzo Reino
Como mais certo começar devião
Por acordo comum asentão todas
Que aos publicos lugares com disfarce
Ir sem demora, devem, porque espreitem

Que

Que dis o vulgo, que sençura o sabio;
Huns que murmurão do atual governo
Que louvão outros. Desta sorte podem
Cair milhor no que fazer se deve.

Dispercas pelas Praças vão notando
As praticas diversas, a que asistem
Não só ouvindo, mas tambem seu voto
Como a bem lhes fazia declarando.
Não deixão sem vezita parte alguma
Em formas diferentes se revestem
Ja de homem, de molher, de moço, ou velho
Segundo julgão que requer o Cazo
Nesta pesquiza muitos dias andão
Athe que chega o dezejado instante
Em que havião por posto se ajuntassem
Para em pleno Conselho darem Conta
Do que ouvirão dizer, do que fizerão

Hum

Num occulto lugar que não perturbão
Nem o tropel dos Machos anafados
Nem das velozes Rodas o Ruido
Nem do povo o trato barulhado
Lugar que fica alem do claro Tejo
As vagas Sintinelas se congregão.
Duvidão entre si qual dellas hade
Dar primeiro razão do que passarão
Da sua parte cada qual recuza
Mas nisto a raiva impaciente falá.

Não noteis companheiros q̃ eu primra.
Tome a mão da palavra: Seres breve,
Nem deve para nós haver Cremonias
Por mil citios andei, andei de noite
Assisti huma vez a hum cazo grande
Era hum Cadete de figura esbelta
Que dezião ser filho d'hum tal Conde
Vestido muito bem de ponto em branco,
Huma espada tremenda tinha à sinta
Toda de prata sem se não lavrada.
Para mais casquilhar era Soldado,

Nem

Nem da Guerra sabia a menor couza
Porem de namorar todos os modos
Manejava milhor que o seu florete
Em que muitos progreços tinha feito
Na sembleia passava as noutes todas,
E nellas com respeito era escutado.
Asentava consigo, que nos olhos
Trazer divia as Setas de cupido;
Pois para lequestar qualquer Senhora
Não precizava mais, que pôr lhe a vista
Em contra por acazo hum velho grave
Com a sua familia paciando
A huma filha pelo braço tinha
Por bella conhecida, e que trazia
Havia tempo ao tal Cadete Louco
Apenas a conhece em torno gira
Hum dito Solta, e outro disfarçado
Na filha inquietação o velho nota
No mancebo repara e seus gracejos
Diz-lhe que o deixe que não seja tolo
Que a não serem seus annos se vingara
Do comprido Florete tira logo

O

O bravo militar, enamorado
Quer defender-se o vacilante velho
A dous paços porem ferido Cae
Acode immenca gente; mas fogozo
Destroça tudo, e impunemente leva
Entre ó tumulto á atordida moça
No fundo de seu peito o velho geme
Ao Menistro se queixa magoado
Este ao Fidalgo busca e de bom modo
Propom-lhe quer ao Pay levar a filha
Qual sibilante cobra cuja Cauda
Pizou em Canto o frouxo Caminhante
Assim o militar se acende em ira
Descompoem o Menistro, e senão foge
Não voltaria, como foi, inteiro.

Pelo successo espera o Pai aflicto
Em resposta o Menistro só lhe torna
Amigo são Fidalgos tenho feito
Da minha parte, o que fazia podia
Para os piquenos só as Leys tem força
Folguei de ver a ouzadia, e fogo

Que

Que nas outras Nascçens jamais notara
Vi de noite Voubar, tambem de dia
Huma forte quadrilha de Marujos
Hequem faz por ali maior faxina
Nada medo lhe poem, Zombão das londas
Que de vis Sapateiros são compostas
E d'outros taes, que dormindo levão
Por espadas espectos ferrogentos
Isto vi Companheiras, e mais cazos
Que não refiro, por não ser extinta
Logo a supresticão em pé se poem
Mas fazendo primeiro mil momices
O xão prostada por tres vezes beija,
Outras tantas rosnando sertas Couzas
Fas sobre o Coração quinhentas Cruzes
Debaixo da Camiza tambem tira
Huma grande almofada que constava
Demuitas Oracoens, muitas Veliquias
Ja contra maleficios, contra a peste
E muitas contra a tentação da Carne
Beija, e rebeija o Venerando breve
E com olhos para o Ceo erguidos.

Com

com o mesmo se benze muitas vezes
Deste modo disposta principia
A dar conta fiel do que passara.

Não outro Portugal agora vejo
Que o mesmo não parece quem diria
Que estas pobres mulheres preseguidas
Do dragão Infernal em pouco tempo
Havião encontrar pelos Conventos
Pronto Soccorro aos seus crueis tromentos
Mal haja esse Judeu, esse tirano
O Paulo de Carvalho, homem ferino
Que às tristes prohibio este remedio
Ja não ha Camaradas como d'antes
Fui aos frades Capuxos quarta feira
Que Couza não vi là edificantes.

Na portaria estavão Sertamente
Para sima de cem ò mais mulheres
Humas em convelucoens outras zurrando
Couza má na verdade parecião
Appareceu depois hum frade idozo

Vi

Vinha de estola armado e pela Cara
Todos dizião que ja era hum Santo
Não era destes frades que caprichão
Em trazer as Sendalhas de camuça
Muito amarela, e o Calcanhar brunido;
Que o Cabelo penteão, que a Legação
O escovado burel quando praceião
Este não era asim; de muito estudo
Via pouco, e seus oculos trazia,
E cuidava nos habitos tão pouco
Que no peito trazia de simonte
Mili boa quarta, se não fosse arratel.
Apenas se avistou humas estavão
A fazer-se em pedaços outras davão
Horrendos vivos como Caens famintos
He dor de Coração ver taes martirios
Suspenso esteve o frade muito tempo
Para todos olhando, e de repente
Em profundo Cilencio ficou tudo
N'hum livro entrou a ler primeiro baixo,
Mas depois Carregando as sobrancellas,
C'uma vós de trovão irado lia.

A

Aqui he que faz pena, d'emproviso
Todas quebrarão o silencio, a hum tempo
Taes urros, taes bramidos atroarão
O Claustro todo, qu'inda agora tenho
De susto o Coração como abafado
O Frade cada ves mais lhe gritava
Batendo com o pé que se calacem.
A muito custo acomodou a bulla
Suspiravão somente internecidas
Como quem de hum Combate se livrára.

O exorcista já lia em vós mais mança
E benzendo-as tres vezes so dezia,
Que se fossem na Paz de Jezus Christo
Humas após as outras em fileira
Pondo em terra o joelho a manga beijão
E com grande ternezura se despedem:
Não para aqui somente a Caridade
Do bom Religiozo: d'outro lado
Afflictas Mais com Filhos entre os braços
Ante os pez do Exorcista os aprezentão
Humas lhe dizem q̃ crueis lombrigas

As-

As pobres criancinhas martelizão
Outras lhe pintão os horriveis damnos
Que aquelles innocentes recebião
De huma sua vezinha jeralmente
Por bruxa feiticeira reputada.
Prontamente as benzeu e com brandura
Huma pratica breve foi fazendo,
Que tivessem fé viva e em fim lhes disse
Que do seu Santo Padre se lembrassem.

Desta longa fadiga descançava
Ja no seu apozento o bom Fradinho,
Quando o Porteiro a toda a preça o chama
Huns poucos de galegos carregados
De prezuntos, peruns, e de bom Vinho
Pelo Padre Exorcista preguntavão.
A sua Caridade isto lhes rende
E ser entre os seus padres respeitado.

Lis

Lisboa ja não he torno a dizer vos,
A mesma que a dez annos se mostrava,
He toda devoção; tudo são terços
Romarias novenas & viasacras
Aqui he nossa terra, aqui veremos
A nossa Cara Irmam cobrar seu trono.

A fina Hipocrezia he quem se segue:
Co'os olhos baixos macilento rosto
Longos vestidos de cor parda e negra
A fazer sua venia se levanta
Depois em vos sumissa assim começa.

A Cidade corri, e tive o gosto
De ver por quazi todos praticadas
As maximas sutis que lhes pregava
No publico paceio, onde concorrem
A mais Luzidas gente desta Corte
Huma tarde me achei, e perto estavão
Quatro sugeitos de figura Seria
Emquanto ali se via reparando.

Di

Dizia hum delles; vejão bem amigos
Os ôcos cascos destes dous mancebos.
Em lugar de topetes concertados
Medonhas conchas de velhos Cayados,
Das injurias do tempo lhe defendem
As vaidozas cabeças. os vestidos,
Senão tem as feiçoens cà nos sovacos
São vestidos de ginga, e de Jarreta.
No imbigo o espadim atravessado
Percalçoens olandezas calças trazem:
Gemem os pobres pez dentro das talas
Dos Lustrozos sapatos, Carregados
Do pezo enorme das Luzentes placas
Casquilhar a malteza a isto chamão
Muitos dias não ha que a moda Chefe
Era o Contrario do que vemos hoje.

O ter de portuguez o nome indigno
He a pena maior, q̃ me atormenta
Nomear Portuguez a qualquer homem
He fazerlhe a maior descompostura
Que pode proferir àguda Lingoa.

De

De huma vil Regateira emfurecida
He chamar lhe sem duvida macaco
Somente imitador dos vãos caprixos
Das estranhas Naçoens não das virtudes
Sem rebuço he chamar lhe hum ignorante
Hum confirmado tolo que não sabe
Nem artes, nem Ciencias, nem Comercio.

Mizeravel nação que fielmente
Os tezouros franquea aos estrangeiros
Por Xitas, por fivelas, por volantes
E por outras imensas ninharias.

Nisto estava inflamado o homem quando
O fio lhe cortou aos seus discurssos
O estrondo que fazião nas calçadas
As fumigantes rodas de hũ carrinho
Quatro aseados, e membrudos Moços
Prontos saltando da vermelha tábua
Ajudão a decer hum gordo Bispo
Que na Corte se achava com licença.

Vi

Vinha todo de seda, e do pescoço
Huma Cruz lhe pendia Cravejada
De luzidas safiras de brilhantes
O magestozo anel cegava os olhos
E pouco menos as fivellas de Ouro
O austero Sencor ficou pasmado
A mirar o Prelado paciando.
Depois com vozes de azidume cheyas
Para os outros se volta assim dizendo
O' custumes, ó tempos primitivos!
Tempos em que o pastor sô deferia
De seu rebanho pelas Sans virtudes,
Pela vida exemplar com que os guiava!
Quem o Santo Evangelho lê atento
Do Supremo pastor quem lê a vida,
A prezença de hum Bispo petimetre
Como póde levar à paciencia.

Se o venerando Apostolo das gentes
Aqui aparecesse poderia
Por companheiro conhecer hum destes
O grande Paulo que o em lugada Costo.

To

Todos os dias de suor banhava
E para não servir ja mais de pezo
A seus Caros Irmãos antes queria
Ganhar escasso pão com seu trabalho.
Santa Religião, tempos ditozos!
Ou tu não es a mesma, ou teus ministros
De pastores o nome não merecem.

Nesta pratica sempre os quatro amigos
Se forão com a noite Retirando
Não fiquei do discurço satisfeita
A horas em que o Bispo ja dromia,
Medonha, e enormissima figura
Tomei e como Seta despedida
A seu Rico apozento fui direita.

Estirado em colxoens de branda pluma
Em profundo Silencio Repouzava
Mil devertidos, e agradaveis Sonhos
A redor do Semblante revoavão
Huma bella asambleia de Senhoras
Outros o Vhisk, e o bom Café pintando.

De-

Depreça os fiz fugir, e promptamente
Seu lugar ocupando, este discurso
Em breve lhe intimei com voz horrivel.

He possivel que durmas descançado
Sem te lembrares do que diz o povo
Do teu modo de vida, do teu fausto?
Não digo que pratiques fielmente
As maximas austeras do Evangelho:
Para teres de Santo o nome honrrozo
Não necessitas de tanta austeridade
Embora te regales, te devirtas
Ainda mais, se he possivel do q̃ nunca
Mas nisto deve haver serta medida
Se embora hum velhaco, hum libertino
Hum Lobo tragador do teu rebanho;
Mas devem outras ser as aparencias;
De outro modo serás mal reputado,
E muita duração os teus prazeres,
Não podem ter se não mudares logo.

Do-

Do brando leito Salta espavorido
Na vizão acredita, i volta prestes
Em menos de oito dias ao Bispado.
Em modesta liteira em tão graceia
Aos pobres manda dar todos os dias,
Seu Caldo, por jantar, e ás terças feiras
Dez reis a cada hum sendo aleijado.

Dizendo que occultava muita Couza
Acabou de fallar a Ipocrezia
Tam somente lestava o fanatismo
Que tinha sobre todos ascendente,
E daquella palestra aprezidencia

A vossa expozição (assim começa)
Com prazer escutei; tudo promete
Hum exito feliz anossa empreza,
Aquelle furiozo, e ardente Zello,
Que em Paris fez correr rios de Sangue
Na Selebrada noite dos Francezes,
Aquelle Matador e fero genio,
Que os duros Castelhanos animava;

A

A pezar de Indiano Sangue hum dia
O Mexico, e Perû, entre este povo
Agora mesmo suscitar pródia
Hum Inglez, hum Gentio hum Mahomitano
Se as Leis Civis o não vedacem tanto
Com a mesma presteza a Sacinados,
Aqui Serião como a hum Cão se mata
Pois por alma de Cão he qualquer tido
Que a Santa ffe de Roma não profeça
Agora pois sô resta a Sentêmos
Se deve ser aqui ou em Coimbra
A nossa Cara Irmãa entronizada.
Nesta Corte, annos ha, se tem fundado
Huma Couza chamada Academia;
Mas isto quanto a mim, sem diferença
He hum Corpo sem alma, q̃ não pode
Produzir acção propria, ou hum fantasma
Que em bem poucos minutos se dicipa.

O

O meu voto he que vamos demandando
O mesmo asento donde foi lançada
A mança estupides injustamente.
Cobrar novos esforços he precizo
Que por fim a vitoria esta Segura.

Todas a huma vos nisto Concordão
Entre tanto Saltava de Contente
A mole Estupides com taes Vizadas
Que nos montes vezinhos Retumbavão.

Canto III

Do fertil Portugal quazi no Centro
A vistoza Coimbra esta fundada
Pelo Cume soberbo do alto monte
E pela fralda que o Poente avista
Vai se ao longo estendendo até q̃ chega
A beber do Mondego as mansas aguas
Defronte outra montanha Senhorea
A liquida Corrente dividida,

Da

Da longa Ponte pelos grocos arcos
Aprazíveis campinas ferteis vales
Do Cristalino Rio retalhados
Em torno a Serção, dando aos habitantes
Os mais bellos paceios do universo
Da fronteira montanha que dominão
Dois famozos Conventos se disfruta.
A linda prespectiva da Cidade
Que tem tanto de bela, quanto hé dentro
Imunda irregular, e mal Calçada
A terra he pobre, he falta de Comercio
O povo habitador he gente infame
Avarenta, sem fé sem probidade,
Inimiga cruel dos Estudantes,
Mas amiga das suas pobres bolças.
Aqui de muito tempo esta fundada
A nobre Academia Luzitana
O monstro que he dotado de cem olhos
Que ao longe avista os mais piquenos vultos
Que debaixo do teto mais forrado
Nada se passa sem lhe ser notorio.
O Monstro, que por outras tantas bocas

Quan—

Quanto sabe, e não sabe faz patente
Aqui em altas vozes a pergoa
Que vem a Estupides em breve tempo
Recobrar seus dominios e diadema
Armada de terrivel Companhia.

Na minha fantezia acende ó Muza,
Hum vivo fogo, poem na minha Lingua
Expercivas palavras, com que pinte
As proezas, que vou dizer agora.
Academica gente alvoraçada
Não pença, não comverça em outra couza
Em quazi todos igualmente reina
Excessiva alegria, e nos Conventos
De que consta a Cidade em grande parte
Mandão os Guardioens que os refeitorios
De mais vinho, e prezunto se recheem
Da Universidade o grande Chefe
Hum Claustro universal convoca logo,
Para que em pleno Conselho votem todos
O que deve fazer-se neste Cazo
Em comprido Salam cujas paredes

Ri

Ricamente compostas tem por Ordem
Dos Lusitanos Reis proprios Retratos,
Em suberba Cadeira se a prezenta
O Reitor, e por hum, e outro lado
Os lentes, e doutores assentados
Segundo o vão Capricho o distinara.
A dar seu parecer se apontão todos
Tira nisto o barrete o Presidente
E ao Lente Primaz de Teologia
Acena que com esse. logo feita
Ao Congreço em geral sumissa venia
O seu voto proffere neste termos.

Muito illustres, e Sabios Academios
Por direito Divino, e por humano
Creio que deve ser Restituida
A grande Estupides a dignidade
Que nesta Academia gozou sempre.
Bem sabeis quam sagrados os direitos
Da antiguidade são: por elles somos
Ao lugar que ocupamos elevados
Occulta vos não he a violencia

Com

Comque foi desta posse desbulhada
Vos testemunhas Sois do Sentimento
Com que avimos partir tão desprezada
Porem sempre apezar doseu desterro,
Constantes tributos dentro em meu peito
Homenagens devidas aque fora,
Naminha infancia Caridoza mestra
Enavelhice singular Patrona.
Entrai pois companheiros, em vos mesmos!
Ponderai sem paixão, para que serve
As pestanas queimar sobre os autores
Aestimavel saude a ruinando
Para levar este tempo embom succego
Divertir epassar alegremente
Acazo precizais demais Sciencias?
Se os dias desta breve, e curta vida
Tivessemos c'os livres perturbado
Seriamos acazo mais prebendas
Mais dinheiro, mais honra, mais estima
Deque podem servir estes Estudos
Que mais damoda secultivão hoje
Abarbara Geometria tão gabada,

Que

Que mil porpoziçoens todas Hereticas
Aqui faz insinar publicamente
Sabeis para que presta neste mundo?
A sua utilidade temos visto
Diga-o a Inquizição, e mais não digo
O' goticos Estudos nunca ouvidos
Nos tempos em que tanto florecia
Hum Seara mayor do que o seu nome
Hum Pupilo, hum Frei Paulo de S. Mauro
Que sempre chorarão os Frades Bentos.
Historias naturaes Foronomias,
Chimicas, Anatomias, e outros nomes
Dificeis de leter são as Sciencias
Que vierão trazer os Estrangeiros.
Ha couza mais cruel, mais dezumana
Mais contraria a razão q̃ ver os Medicos
Hum cadaver humano espatifando
Hum Corpo em que habitou o Espirito Santo?
Nunca tal praticaste, o' grande Lopes,
Quando pelo Natal em hum Carneiro
O Bofe o Coração as tripas todas
A teus habeis discipulos mostravas?

Quem

Quem pode sem desprezo ver hum lente
D'immencos Estudantes rodeado
Pelos Campos vagar, ali colhendo
Huma Ervinha, huma flor hum gafanhoto,
Acolá com fuzil ferindo as pedras?
Deixemos pois hum dia, ó Sabia gente
Estes prestigios que nos tem Cegado
Punhamos como d'antes estas couzas,
Em seu antigo Ser: como bons Filhos
Recebamos a nossa protectora
O que sempre foi seo em paz governe.

Qual Susurrante enxame qu'em tumulto
Segue a vareda que seguio o Mestre
Assim dos bens todos, e dos Frades
Seguio a Turba o esplanado voto.
Alguem destes talvez quizesse opôr se
Mas de hum colega refutar os ditos
Da honra do Collegio he menos cabo
A porção principal tinha votado
Faltava a outra, q̃ em desprezo he tida
Lentes de Capa, e espada são chamados,

Que

Que aos Colegios não tem algum accesso
Nem recolhem da Igreja os doces frutos
Pelo mesmo teor votarão muitos;
Mas chegando a Dirceu homem Singelo
Que seus dias cançou-me sobre os livros
Contemplando a profunda natureza
Os longos comprimentos poem de parte
E com vos rezoluta assim começa.

Não he a gloria vam de distinguir-me
Que me obriga a encontrar a tantos votos
Que por serem conformes talves sejão
O parecer de muitos verdadeiros.
A gloria do meu Rei, o amor da Patria
São dous fortes motivos que me impelem
A dizer francamente quanto penço.
Trazei Sabios Illustres, à memoria
Aquelle tempo, em que contentes vistes
Entrar nesta Cidade triunfante
O Grande Invicto, e Imortal Carvalho
As vezes de seu Rey reprezentando
Daquelle sabio Rey, cujo Retrato,

In-

Inda agora me anima, e me dá forças,
Para que em seu favor, em sua gloria
Deramando meu Sangue exale a vida
Vistes o Grão Marquez qual sol brilhante
Da escura noite decipando as trevas
A frouxa Estupidés lançar ao longe
Erigir ás Sciencias novo trono
Em sabios Estatutos estribado
Das vossas mesmas bocas retumbarão
Canticos de louvor nestas paredes
O Triunfo Cantastes na prezença
Do Zelozo Ministro respeitado.
Que differente lingoagem hoje escuto?
Como he possivel que sem pejo, ou honra
O contrario digais do que dicestes
As sublimes Sciencias da natureza
Como podeis tratar com tal desprezo?
O'tu Sombra imortal do grão Ministro
Da face do teu Deos onde repouzas
(A cabeça abanou, deu tres cuádas
Ouvindo esta blasfemia o bom Bustoque)
Vem um istante aparecer agora

Aqui

Aqui nesta asembleia, e destas bocas
Que em teu nome entoarão tantos hiniz
Ao eroico triunfo das Sciencias
Blasfemias ouviras: Mas ah! não ventas
Nem premitão os Ceos que tanto saibas.
Que dor a tua que afflicão não fora
Ver sem fruto as vegilias, os trabalhos
Que por Zello da Patria padeceste
Ver sobre tudo ingratos e falcarios
Que afetando aparencias de alegria
No fundo do seu peito idolatravão
A mole Estupides como huma Deoza
Se o mesmo que antão eras, hoje fosses
Quizera ó Pai da Patria, que tivessem
Com a tua prezença validade
As minhas vozes, o meu Zelo ardente
Ainda Reinara, com magoa o digo,
Na nossa Academia essa tirana
Hessa vam divindade mas protesto
Que nem hoje a aprovo, e que inimigo
A de Sempre encontrarme emquanto o Sangue
Seos Circulos fizer neste meu Corpo.

Se

Se algum de vós, Illustres Companheiros,
Comigo pença sem temor exponha
Apezar da torrente os seus discursos
As almas Varonis nunca temerão
Ainda a vista dos maiores perigos
Pela gloria da Patria, e da verdade
Expor a vida e derramar seu Sangue..

Ao dizer estas vozes se arazaram
De lagrimas seus olhos, e as palavras
Ja prezas lhe ficavão na gargantà.

Os homens grandes, os varoens preclaros
Tambem sabem chorar, quando a ternura
O bem da urnanidade os estimulão.

Nos animos Iradescos e nos Becas
Contra Dirceu hum tal rancor frevia
Que vivo o tragarião se a prezença
De serio Prezidente o premitisse
Disfarçando porem com rizo emofa
Adiçonante fala receberão.

A–

Acabousse afunção e timorato
Não decide o Reitor oque se faça
Era ja noite, enos Colegios ambos
Exquezitos Manjares esperavão
Aos rubicundos enutridos Becas
Nos Conventos porem couza mais grosa
Emque odente atolassem preparavão
Famozas postas de Vitela tenra
Sobre as brazas chiavão nos espetos
Perus asados, etremendo quartos
De bom Carneiro demil modos feito
Muito Vinho, eprezunto, erão as massas
Comque os seus refeitorios adubavão:
Emquanto os outros comprazer comião
Easaude da Deoza grandes Copos
De bom Vinho emxugavão Pençativo
Otimido Reitor eScrupulozo
Passeia as Salas todas, té que chega
O Patricio a Saber s'inda não Seia
Sua Excelencia, que ja erão oras
Respondelhe que não q̃ estavão aflicto
Os motivos lhe conta consultando.

He

He bom cazo Senhor: Vossa Excelencia
O que deve fazer inda duvida
Depois de ser de hum voto tanta gente
Não sabia, tão distincta pouco importa
O que dis meia duzia desses homens
Que apenas são por Lentes conhecidos
Coma Vossa Excelencia alguma couza
Durma, que tudo em paz hade fazersse.

Assim o consolou o bom Mordomo
Sua Excelencia mais quieto fica
Hum pouco come, e no seu brando leito
Vai alivio buscar a seu Cuidado
As Furias q̃ em Coimbra ja se achavão
Que no Claustro geral tinhão estado
Do famozo Orador pondo na lingua
Palavras que a seu cazo mais fazião
Ao sombrio Lugar onde descança
O Languido Morfeo ligeiras vôão.

Num-

Nunca ali penetrou a lus d'Aurora
Em perene repouzo dorme tudo
Somente os frescos Zefiros brincando
Em suave susurro as folhas movem
Murmura ao longe Cristalina fonte
Escabrozas pedrinhas Volteando
Entre rubras Papoulas, verdes mistos,
Nada presente o Deos do que se passa
Entrão de pressa no Suturno bosque
Ja quazi dormitando as flores colhem,
Que mole Cabiceira lhe formavão
Dos Somniferos ares se retirão
E de improvizo ao belo quarto chegão
Aonde ainda preplexo o Presidente
Com os olhos no teto vigiava
Mal das flores s'espalha o grato cheiro
Boceja, estende os braços, e adormece.

O Fanatismo antão tomando a forma
De hum piqueno rapaz, gordo e rizondo
Cujo ombros adornão duas azas
Junto ao Leito volteja em curtos giros
E com doces palavras asim falla

Não

Não te assustes ò homem venerando
Eu, não sou couza mal, que te appareça
Tuas altas virtudes me encaminhão
Essa duvida vam aparta fora
Aos Lentes, e Doutores, e Estudantes
Ordena que amanhãa de tarde saião
A receber em Prestito pomposo
A nobre Estupidez, fazelhe as honras
Que lhe são por direito bem devidas.

Com mais senão cançou o Fanatismo
Pois sair com a sua não duvida
Nem Minerva sutil, e poderoza
Aqui já lhe faria a menor guerra
Como a gente rebelde, e refractaria
Deixou por huma vez os Portuguezes
Com a sua ignorancia, e prejuizos
Docemente abraçados. Nisto acorda
O Devoto Reitor, e ainda imagina
Que hum brilhante Clarão no quarto brilha
Da Cama salta, e a toda a presa manda
Que venha o Secretario, e os Escreventes

Hum

Hum cumprido Edital se lavra logo
Que as Ordens da vizão continha todas
Pelas mesmas palavras com q̃ ouvira.
O douto Secretario que em Aveiro
Alçou ja vara branca o Sobrescripsi
Poem no fim do papel; e o Prezidente
Por extenço se assina em Letra grande.

Canto IV.

Apenas o Edital se poem na porta
Da grande Sala, que p'ra os actos serve,
Entre o Corpo, que forma Academia
Hum novo rebuliço, hum alvoroço
Geralmente se move: não se fião
Na fé dos que referem a noticia.
Dezejão com seus olhos ver a nova
Que tão doce alegria lhes motiva.

Dei

Deixão os Estudantes os bilhares
A partida no meio, e perturbados
Das Capas lanção mão como sucede
Mas o dono da Caza, que o barato
Não dá por bem parado clama e grita
Perseirinhos, pagar nada me emporta
Que venha á Estupides, ou que não venha
Dão-lhe dous incontrois por terra o lanção;
E a qual primeiro pelas ruas Correm
Outros no sete he-ponto extaciados,
No Whisk, no marimba, e mais na banca
Os dados com as Cartas deitão fora.
Ja nunca os obrigou a tanto excesso,
Nem do lugubre sevio o toque infausto,
Que os chama as Aullas, nem tão pouco a Ama
Com anojenta Seya ao lume posta
Praguejando a tardança; e quem lhe Cauza
Nem ainda a venal, imunda moça,
Que fretada os espera a certas horas
Tal a Cega paixão, o vil apego
Que estes mizeros moços tem aos vicios
Esta gente revolta, e mál Creada

Tão.

Tão soberba, e viciosa, que entre tantos
Apenas se acharão ao muito doze
Que o nome de Estudantes bem mereção.

Ao lêr o Edital chegão a montes
E batendo nas palmas bravo! bravo!
O'que ferias agora não teremos!
Viva a Estupides, dizem Saltando.
Nos Colegios Conventos, e nas Cazas,
Os Doutores, os Frades, e Estudantes
Disputão sobre o Cazo, e mil Castellos
Acerca do futuro levantando,
Milhorar de fortuna todos cuidão
Nestas gratas ideas se recreião;
Até que o Sino a grandes vozes brada,
Que venhão todos, que he chegada a hora
Em que o novo Edital cumprir se deve
Prontamente concorrem, e marxando
Ao rude som de ingratos instrumentos
Vão a Deoza esperar alem da Ponte
Inda bem ao Convento Franciscano
O prestita não chega eis de repente

Hu

Huma nuvem brilhante vem ao longe
De brilhantes Estrelas esmaltadas
No meio hum trono ricamente obrado
E a mole Estupides sentada nelle
Entre tanto aparato là disfarça
A sua horrenda e natural figura
Fraca hera tudo das astutas furias
Mansos ventos Curvados em caminhão
A magestoza pompa. Em terra postos
Os Soberbos joelhos, com as palmas
Para o Ceo levantadas se admirão
De ver baixar com tanta Magestade
A deoza tutelar da sua Athenas.

Brandamente ondeando a nuvem pára
Aonde e o Reitor os Lentes Chefes
Com o queixo Cahido prezenceão
Tão grande maravilha nunca vista
Tem de Recato hum Sumtuozo Palio,
Com que a Deoza recebem Reverentes,
Couza mais espantoza! D.^s em provizo
O Caminho que trouce a nuvem Segue

A-

Afrouxa Divindade por tres vezes
Com alegre semblante, à todos lança
Huma benção papal, como a bons filhos
Os Donatos repicão as invejas
As descaradas moças dos conventos
E pelas freguezias os garotos
Ninguem se entende com tamanha bulha
As janellas acode, acode as ruas
De toda a qualidade imenço povo
Entre tanto a Compasso vagarozo
Duas cumpridas alas se encaminhão
Ao antigo mosteiro, que disfrutão
Os Reverendos Cruzios Satisfeitos
De ospedar esta noite a protectora
Da sua Santa Caza. A Portaria
Com alegres festins he recebida
De noite em toda a parte, as Luminarias
Fazem emulação a Lus do dia
Em função de barriga, e de badalo
Fazem os frades consistir a festa.

Mas

Mas o Pio Reitor, que obediente
Ao milagrozo sonho ser dezeja
De novo Ordena que se aprontem todos
Que na manhãa seguinte bem montados
Irião conduzir a Academia
A Regia Estupidez Sua Senhora
Asinala tambem os Oradores
Que havião Celebrar tão grande feito
O valido Mordomo, que algum dia
De mochila exerceo o nobre Cargo
Toma a seu Cargo o aprestar as bestas.

Ainda descançava a Rocha Aurora
Nos braços de Amphitrite, e os vis lacaios
As portas dos Doutores espedação
A fortes golpes de calhãos tremendos
Abrem a seu pezar os frouxos olhos
Estas almas ditozas em golfadas
Em mil suaves, e felices sonhos
Mas não vendo luzir o sol nas frestas
Querem o sono agazalhar de novo
Debalde o querem que os valentes moços

Ca—

Cada vez as pancadas mais reforção.
Talha q̃ a mil diabos encommenda
Os lacaios, e a quem lhos manda a porta
Por ver o seu descanço interrompido
O seu sono de doze boas horas.
Mas emfim o motivo he forte e justo,
E para aparecer a Divindade
He precizo o Cabelo bem Composto
A batina, escovada, volta limpa
Couzas em que dispendem longo tempo
Cada qual asiado o mais que pode
Vai buscar o Reitor, e em Companhia
De huma rica Berlinda a seis tirada
No patio de Sansam se ajuntão todos.
Os Soberbos Capelos alli tomão
Brancos, verdes, vermelhos, e amarelos
Azul ferrete, ou claro; o mesmo as borlas
Por humildade os Frades só barretes
Em duas grandes alas repartidos
Os barrigudos, e vermelhos monges
Acompanhão saudozos esta grata
E delles sempre amada Padroeira.

Re-

Reverentes a mão todos lhe beijão
E a todos vai lançando a Santa benção
Chega emfim ao Prior, ele prostrado
O' Deuza (assim lhe dis) ampara, e zela
Destes Filhos que te adorão tanto
Por ti deste socego he que gozamos
Esta forte saude esta alegria
Disfrutamos por tua alta bondade
Seria para nós ditoza Sorte
Se fizesses aqui tua morada
Mas ja que somos nisso disgraçados
Benigno influxo sobre nós derrama,
Que a nossa gratidão Será constante
Abração ternamente a Divindade
Dis lhe que se console, que ella sempre
Nos seus olhos traria tão bons Filhos
A nobre comitiva dos Doutores
Entre os braços a toma, a qual primeiro
E quazi ao cabo na Berlinda a metem
Logo montados pelas Ruas tornão
Que de mais povo são Sempre asistidas
Huns de incarnado vão todos Cobertos;
Al-

Altivos, soberboens, comsigo asentão
Que não ha no universo outras figuras
De mais comtemplação de mais respeito
O Vermelho Durante ás bestas serve
De Compridas gualdrapas: outros pição
O fogozo Cavalo quando passão
Pela porta de tal, ou tal Senhora;
De preto muitos vão porem os Frades
Vestem ao mesmo tempo muitas Cores
Branco com preto, azul, ou encarnado

Se tu o Grão Fidalgo de La mancha
Famozo D. Quichote, esta aventura
Nos teus andantes dias encontraces
Assim pár Dulcinea quantos destes
A render Vaçalagem mandarias?
Tu que não perdoastes aos pobres Padres
Conduzindo a Cavalo por ser longe
Entre archotes, e velas hum defunto,
Que os fizeste voar de susto e medo
Pelos Campos e montes, que farias
A esta encamizada de Doutores?

Por

Porgente feiticeira, e endiabrada
Por mãos encantadores osterias:
Como taes afuros de rucinante
Do Elmo de Mambrino as influencias
O pezo do Lançam esperimentarão.
Muza renova no teu Vate o fogo
Que arder fizeste ja na sabia mente
Não digo de Despreaux d'aquele activo
E discreto Dinis na Izopáda:
Renova em quanto acabo que apreguiça
Da mole Estupides ja me acomete
Ja começo a sentir a seus effeitos.

Mas ah! que hum Estro de repente agita
A minha fanteria, eu vejo, eu vejo
Da nossa Academia ao grande Patio
Chegar contente a tropa numeroza
Em triunfo he levada a Deoza Augusta
A hum soberbo e Magestozo throno
Gemem debaixo dele aferrolhados
A sciencia, a razão, e o dezabuzo.

Poem

Poem-se em socego os assistentes todos
Levantasse o Bustoque, e de joelhos
A Deoza pede huma comprida venia
Em barbaro latim começa ufano
A tecer friamente hum elogio
A sua Protectora, e nelle mostra
O quanto he decente que nas Aullas
Em portuguez se fale profanando
A sacra Teologia, e as mais Sciencias
Que em forma sillogestica se devem
Os argumentos pôr, sem silogismo
Não sabe como pode haver verdade.

Visto mais d'ora gasta emfim conclui
Animando a que sejão sempre firmes
Na fé que devem a tão alta Deoza

Levantace depois o Grão Pedrozo
Que de Prima a Cadeira em Leis occupa
Com a beca estendida, a mão no peito
Prostace em terra, e sua venia pede
A mole Estupides; que muito folga

De

De ver hum filho seu com tal prezença
Tão Cheio de si mesmo, tão inchado
Principia a falar em vós de Estallo
C'o a esquerda a siona, e c'o a direita
Que se estende as mais vezes sobre o peito
Sua em mostrar a Gram Genealogia
Da nobre Deoza, a quem louvar pertende
A sua Antiguidade patentêa
Faz depois elogios nunca ouvidos
Ao direito Romano, e no remate
Com Corda em tudo com o seu Colega.

Vem depois o Reitor, jura por todos
Sumissa obediencia, e lealdade:
Da mole Estupides pôem na Cabeça
Huma importante Coroa Cravejada
De finissimas pedras do Oriente
As mãos lhe beija logo reverente
E manda a todos, que outro tanto facaõ
Os Oradores vem, offerece hum delles
A discreta Oraçaõ de Sapiencia
Que foi Cauza de ser tão sedo Lente

O

O outro o mesmo faz da sua análysse
Do parto Septimestre, coiza prima
Hum bando de Filozofos rançozos
Depois acode hum delles asim fala
Parece que Bezerra se apelida.
Soberana Senhora avossas plantas
Sendes vendida por vontade e gosto
A porção principal do vosso Reino
As portas das Sciencias nos guardamos;
Porque sendo as palavras destintivos
Que dos Brutos separa a especie humana
Eu creio que só nelas deve o homem
Da vida dispender os curtos dias.
A mocidade pois asim levamos
Nesta bela Sciencia industriada
Quando a mesma palavra se repete
Ou duas, outras vezes lhe ensinamos
O nome que isto tem, quantas apostrophes
Pode o exordio levar sem ser notado
Nestas Couzas, e noutras semilhantes
De sorte os emgolfamos que supresso
Fica o gosto se o tem das vans Sciencias,

Que

Que servem de cançar o espirito humano
O' bom filho, insisti nesse Sistema
Que por ser verdadeiro mais me agrada
Abraçando-o lhe diz a divindade.

Vem atras hum Varão muito aseado
Hum livro tras na mão mui doiradinho
O' Deoza Singular a quem respeito,
Esquecido da minha Fidalguia
Este Poema fiz que Joancida
Por nome tem; humilde vol-o ofereço
Dignaivos de aceitar a minha oferta.

O' meu morgado, quanto sou Contente
Da tua offerta velo-has com tempo
Aqui ao pé de mim quero te asentes
Para mostrar o quanto te venero.
Asenta-o junto a si a Divindade.
Dos Estudantes vem a turba imença
Hum lhe oferece hũa flor, outro hũ bixinho
Hum ninho de pardal, hum gafanhoto
Da historia natural suadôs fruitos

Ou-

Outro vem todo aflicto mil queixumes
Formando contra hum tal que lhe uzurpara
A gloria de fazer ja sete Maquinas
Que subirão ao ar com bom Successo
Filhos amados lhe replica a Deuza,
Esse vosso Cuidado me Consola
Esse disvello de ajuntar Cozinhas
São lindas tão bonitas bem recreia
Huma alma como a Vossa tão sencivel
Prosegui nesse estudo, eu vos prometo
A minha protecção em toda a vida
Ao queixozo asim dis: Sinto deveras
Que tinhas hessa cauza de tristeza
Mas olha, hum bom remedio, outras de novo
Faze q. eu la irei mesmo em pessoa
Assistir e fazer Justiça inteira
Os Doutores vem logo por seu turno
Vassalagem render, e vão passando
A mole Estupidez brinca entretanto
Com os lindos aneis do bom Morgado,
Que afflicto não quizera ter tal honra
Receando que ali se discubrisse

Que

Codex
Port
19

18-410

Que cabelo não he, mas que lhe cobre
A Luzidia Calva, Cabeleira
Porque em menos não préza ser bonita
Do que Fidalgo ser, e ser Poeta.
Segue-ma finalmente os Lentes todos
Que são alegremente recebidos.
Mas chegando o Frigozo fica a Deusa
Asombrada de ver tal Catadura
Não menos Carregada q̃ a de hum Touro
Que sopra para traz, e a terra lança
Quando para investir se em saya irado.

Com imensa alegria rematada
A geral Confição de Vassalagem
Em paz gozai, a Deoza asim profere
Da minha protecção do meu amparo
Eu gostoza vez lanço a minha benção
Continuai, como sois, a ser bons filhos
Que a mesma que hoje sou hei de ser sempre.

Fim

850

(33 l.): all Catchwords OK
[illegible] 6/4/90

(91)